

ESTUDOS DA TRADUÇÃO EM FOCO
JORNADAS CASA DIRCE / UERJ

Conselho Editorial
Série Letra Capital Acadêmica

Beatriz Anselmo Olinto (Unicentro-PR)
Carlos Roberto dos Anjos Candeiro (UFTM)
Claudio Cezar Henriques (UERJ)
João Medeiros Filho (UCL)
Leonardo Santana da Silva (UFRJ)
Lina Boff (PUC-RIO)
Luciana Marino do Nascimento (UFRJ)
Maria Luiza Bustamante Pereira de Sá (UERJ)
Michela Rosa di Candia (UFRJ)
Olavo Luppi Silva (UFABC)
Orlando Alves dos Santos Junior (UFRJ)
Pierre Alves Costa (Unicentro-PR)
Rafael Soares Gonçalves (PUC-RIO)
Robert Segal (UFRJ)
Roberto Acízelo Quelhas de Souza (UERJ)
Sandro Ornellas (UFBA)
Sergio Azevedo (UENF)
Sérgio Tadeu Gonçalves Muniz (UTFPR)

Maria Aparecida Andrade Salgueiro
Organização

ESTUDOS DA TRADUÇÃO EM FOCO
JORNADAS CASA DIRCE/UERJ

LETRCAPITAL

Copyright © Maria Aparecida Andrade Salgueiro (Org.), 2021

*Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os
meios empregados, sem a autorização prévia e expressa do autor.*

EDITOR João Baptista Pinto

CAPA Suzana Cardoso
(Casa Dirce / UERJ)

PROJETO GRÁFICO/EDITORIAÇÃO Luiz Guimarães

APOIO NA REVISÃO Alice Crivano
(Bolsista PROATEC do Escritório Modelo
de Tradução da UERJ)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

E85

Estudos da Tradução em Foco: Jornadas Casa Dirce/UERJ / organização Maria Aparecida
Andrade Salgueiro. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Letra Capital, 2021.
100 p. : il. ; 15,5x23 cm. (Letra Capital acadêmica)

Inclui bibliografia
ISBN 978-65-89925-25-5

1. Tradução e interpretação. 2. Ensaio brasileiro. I. Salgueiro, Maria Aparecida
Andrade.

21-73222

CDD: 418.02

CDU: 81'255.4

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

LETRA CAPITAL EDITORA
Telefax: (21) 3553-2236/2215-3781
letracapital@letracapital.com.br

Sumário

Apresentação - Tradução como tradição: Jornadas e leituras	7
<i>João Cezar de Castro Rocha</i>	
<i>Triste Fim de Policarpo Quaresma</i> em inglês: alguns apontamentos sobre as traduções.....	11
<i>Carolina Paganine</i>	
A tradução de relatos de viagens como gesto historiográfico.....	24
<i>Luiz Barros Montez</i>	
Autotradução: breve histórico, motivos, consequências e questões.....	42
<i>Maria Alice G. Antunes</i>	
Tradução de vozes da poesia contemporânea: a <i>Slam Poetry</i> em foco.....	62
<i>Maria Aparecida Andrade Salgueiro</i>	
Estudos da Tradução na Pós-graduação brasileira: mapa atual e tendências	77
<i>Walter Carlos Costa</i>	
Sobre autoras e autores	96

APRESENTAÇÃO

Tradução como tradição: Jornadas e leituras

*João Cezar de Castro Rocha*¹

No princípio, era a tradução

Os ensaios reunidos neste livro tiveram sua origem numa das “Jornadas da Casa de Leitura Dirce Cortes Riedel”. Nessa série de encontros, a ênfase recai na apresentação de projetos em curso ou na síntese de trajetórias notáveis. Desse modo, atamos as pontas do universo da pesquisa – e com o êxito que escapou ao casmurro narrador, como veremos na próxima seção deste brevíssimo prefácio.

Contudo, antes de mencionar o conteúdo dos capítulos, uma nota sobre a centralidade da tradução no contexto das culturas não hegemônicas.

No século XVIII, coube à geração de Goethe e de Schiller romper com o complexo de inferioridade cultural dos alemães em relação aos franceses. Nesse processo, um momento decisivo foi a cunhagem do conceito de *Wellliteratur*, forjado em 1827 na correspondência de Goethe com Eckermann. A motivação imediata do autor de *Afinidades eletivas* nem sempre é recordada com a atenção devida; porém, no contexto deste livro adquire relevância ímpar.

Pois bem: Goethe cunhou o conceito como uma forma de refletir acerca de um fato que lhe deu grande satisfação: a *tradução* de sua poesia para o francês. De fato, como José Saramago diria em outro século, se o projeto utópico da *Wellliteratur* um dia encontrar o seu lugar, tal resultado seria derivado da *tarefa do tradutor* – na célebre expressão de Walter Benjamin. Afinal,

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro / CNPq.

autores escrevem em seus próprios idiomas, logo, não podem senão produzir uma miríade de literaturas nacionais.

Num voo deliberadamente curto, pensemos no Brasil oitocentista. Na avaliação aguda de Roberto Schwarz, antes de contarmos com romancistas brasileiros já dispúnhamos de um consistente público leitor de romances, com suas preferências e padrões determinados. A equação, somente em aparência paradoxal, possui o rigor de uma fórmula matemática. Ora, o público brasileiro, que a seu modo criou uma *tradição* de recepção do gênero romance, consumia narrativas escritas originalmente em francês ou em *tradução* para o idioma de Diderot. Portanto, no instante em que Teixeira e Sousa e Joaquim Manuel de Macedo, entre outros, principiaram a elaborar uma *escrita* do romance no Brasil, foi indispensável considerar a *tradição* prévia de um público leitor formado prioritariamente por meio da *tradução*.

A menção a Diderot vem a calhar. Em 1761, o filósofo inaugurou a crítica moderna de traduções em seu célebre “Éloge de Richardson”. Diderot explicitou a centralidade da tradução no estabelecimento do cânone do romance. No ensaio, o enciclopedista criticava severamente a tradução que o Abbé Prévost havia feito de um dos marcos do gênero, *Clarissa*, publicado por Samuel Richardson em 1748. O Abade, autor de romance igualmente célebre, *Manon Lescaut*, saído em 1731, não traduziu o interminável romance na sua totalidade. Daí, denunciava Diderot, o público francês não teria exatamente lido o *romance integral* de Richardson, porém uma *tradução incompleta*. A crítica de surtiu efeito: em breve, *Clarissa: Or the History of a Young Lady* foi devidamente traduzido.

No fundo, a tradução se encontra na origem de muitos gestos inaugurais. Recorde-se o trabalho de Lívio Andrônico, cujo primeiro título foi a tradução para o latim de um drama grego, e sua obra-prima foi a tradução da *Odisseia*, de Homero. A tradução de Martinho Lutero da *Bíblia* foi fundamental na sistematização do chamado *Hochdeutsch*. Para sua tarefa, Lutero lançou mão com frequência de outra tradução: a famosa *Vulgata*, de São Jerônimo.

Paro por aqui: seria possível elencar um sem-fim de exemplos; mas não é necessário. Basta sublinhar que, se no princípio era o verbo, caberia acrescentar que, muitas vezes, o verbo, desde sempre, foi traduzido.

Este volume

A pluralidade dos estudos dedicados à tradução encontra-se perfeitamente expressa nos textos aqui coligidos, que lidam com aspectos múltiplos do ofício – e isso de intervenções teóricas a estudos pontuais, passando pela análise de contextos específicos.

Vejamos as colaborações dos participantes das “Jornadas da Casa de Leitura Dirce Cortes Riedel”.

Maria Alice Gonçalves Antunes apresenta uma síntese de suas pesquisas acerca de um tema de grande relevância, “Autotradução – breve histórico, razões, consequências, práticas”. Mapeamento de um tema a cada dia mais atual e, sobretudo, por meio do olhar de uma das mais reconhecidas especialistas no complexo e fascinante universo da autotradução.

O germanista Luiz Barros Montez propõe uma importante reflexão sobre os contatos interculturais, tópico intrinsecamente associado à tarefa do tradutor. Reflexão presente em seu ensaio, “Viajantes alemães no Brasil Oitocentista: a tradução como gesto histórico”, mostrando como a identidade não hegemônica depende da mirada alheia para a definição de sua própria imagem.

Carolina Geaquinto Paganine estuda “As traduções de *Triste fim de Policarpo Quaresma* para o inglês”. Caso incomum numa literatura não hegemônica, Paganine identifica nada menos do que 6 traduções para o inglês do romance de Lima Barreto. Exemplo definitivo da tarefa do tradutor como um *work in progress* que nunca alcança um instante incapaz de ser aperfeiçoado.

Um dos nomes mais consagrados na área de estudos de tradução, Walter Carlos Costa oferece um panorama tão completo quanto necessário da disciplina em seu texto “Estudos de Tradução na pós-graduação brasileira: mapa atual e influências”.

Perspectiva que demonstra a força e a maturidade da disciplina, que já comporta um olhar retrospectivo dessa densidade.

Maria Aparecida Andrade Salgueiro lança mão de uma larga experiência à frente do “Centro de Estudos Interculturais do Escritório de Tradução Ana Cristina César”, do Instituto de Letras da UERJ. Como o título de seu capítulo esclarece, “Tradução de vozes da poesia contemporânea: a *Slam Poetry* em foco”, a renomada pesquisadora enfatiza o aqui e agora da produção poética do presente.

Como se percebe, um rico cardápio; por isso mesmo, hora de passar à degustação dos artigos de *Estudos de tradução em foco*.

Triste Fim de Policarpo Quaresma em inglês: alguns apontamentos sobre as traduções

Carolina Paganine¹

Como em toda obra ficcional, *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1911/1915)² de Lima Barreto possui muitos fios temáticos que se entrelaçam de maneira a apoiar o tema principal. Para muitos críticos, a questão central que o romance procura desenvolver é uma crítica a uma visão idealizada do Brasil (Schwarcz: 2011), uma visão estabelecida desde a época colonial que pode ser resumida na percepção da nação como um paraíso, destinado a grandes feitos. No romance, grande parte dessa crítica a uma visão idealizada do Brasil é construída por meio de um debate sobre a perspectiva elitista e conservadora sobre a linguagem e os preconceitos a isso relacionados.

Mais ao final do romance, há uma passagem particularmente iluminadora sobre esse aspecto e interessante para os pesquisadores de tradução. Armando Borges é um médico que, como é típico dos personagens no romance, quer ascender socialmente e ganhar reconhecimento sem ter que, de fato, trabalhar para isso. Ele, então, cria um novo método para escrever artigos científicos por meio do que o narrador chama de “traduzir para o clássico” (Lima Barreto: 2011, p. 285), que envolvia traduzir palavras comuns e usuais por palavras mais sofisticadas e de uso raro, de

¹ Universidade Federal Fluminense.

² *Triste fim de Policarpo Quaresma* foi publicado pela primeira vez em folhetim no *Jornal do Commercio* em 1911 e depois revisado por Lima Barreto e publicado em livro, edição bancada pelo autor, em 1915. Para esta pesquisa, utilizamos o texto publicado pela Penguin - Companhia das Letras (2011) que segue a primeira edição de 1915 e a quinta edição em livro da Editora Brasiliense (1956), dirigida por Francisco de Assis Barbosa.

maneira a elevar o registro e assim passar a impressão de que seu autor era um acadêmico distinto, um “sábio”.

Esta passagem é iluminadora não só porque deixa entrever uma visão tradicional sobre a tarefa da tradução como uma substituição mecânica de palavras, mas, principalmente, porque esta ainda é a visão geral sobre a linguagem no Brasil, que o “bom” português é aquele descrito nas gramáticas, aquele de Portugal e que nós, brasileiros, com as nossas influências africanas e indígenas, com a nossa precária educação formal, insistimos em corromper.

De modo que esta não é uma simples anedota do romance. Na primeira década do século XX, tais ideias eram ainda mais fortes do que hoje – a tradição literária brasileira estabelecia que a boa prosa literária deveria empregar um registro elevado e esta é a razão pela qual, por exemplo, o estilo de Lima Barreto é frequentemente posto lado a lado ao de Machado de Assis, cujo estilo elevado era considerado o padrão pelo qual os escritores posteriores eram comparados.

Este assunto é interessante para pensarmos as traduções da obra de Lima Barreto porque, mais do que criticar a visão tradicional sobre a língua, o autor de fato emprega na sua escrita um estilo menos rebuscado (Schwarcz: 2011) e mais próximo da norma culta brasileira do que haviam feito seus predecessores e mesmo seus contemporâneos. Isto fazia parte de seu projeto artístico de fazer uma literatura para todas as classes e não só exclusivamente para uma elite e é por isso que Lima Barreto também é um dos primeiros escritores a escrever sobre personagens negros ou sobre as pessoas pobres dos subúrbios da antiga capital, o Rio de Janeiro.

Os críticos concordam que esses aspectos – a linguagem menos elitizada e os temas abordados a partir de uma perspectiva bastante crítica – são as razões pela qual a obra de Lima Barreto se destaca na literatura brasileira. Esses aspectos também fazem de Lima um predecessor do Modernismo e do Regionalismo do século XX. Para Berthold Zilly, que traduziu esse romance para a língua alemã, a linguagem de Lima Barreto foi pioneira em avançar um novo tipo de estilo na literatura brasileira:

Ele [Lima Barreto] propagou o uso literário da linguagem coloquial, principalmente no discurso direto dos personagens do povo, cujo registro se diferencia conforme a posição social e o caráter de cada um. Se o narrador emprega um estilo correto e lhamo, de acordo com a norma culta da época, também tende a ser despretensioso e até descontraído, incluindo vez por outra elementos lexicais ou sintáticos da língua falada de pessoas cultas. Em muitos trechos, o autor fez uso do discurso indireto livre, aproximando o narrador letrado da fala de seus personagens, inclusive do povo, sem condescendências nem distanciamentos, e criando linguagens intermediárias entre a fala e a escrita, discurso direto e discurso do narrador. (2003: p. 53)

Empregar a norma culta urbana na escrita, como proposto por Lima Barreto, era bastante avançado para a época, apesar de hoje as diferenças entre o estilo de Lima e a norma culta urbana atual já não causarem tanto estranhamento. No entanto, comparada à tradição literária americana, o sistema literário brasileiro parece, ainda hoje, mais conservador e preconceituoso em relação aos usos da língua considerados não-padrão (Britto: 2012, p. 83-86).

Assim, algumas questões que me nortearam foram: será que os tradutores e as normas literárias do mundo anglófono são mais abertas a diferentes usos da língua do que no Brasil? Quais as diferenças entre a tradução de 1978 e a de 2011? Haveria um movimento em direção a uma tradução mais estrangeirizante? Como os tradutores lidaram com o discurso não-padrão?

Segundo nossas pesquisas, não existe ainda um estudo dedicado especificamente às traduções de Lima Barreto para a língua inglesa. Francisco de Assis Barbosa, biógrafo e testamentário de Lima Barreto, costumava catalogar as traduções da obra de Lima para diversas línguas, tarefa que o crítico apresentou em diversos prefácios que escreveu. Mais recentemente, motivada pela FLIP, Denise Bottman (2018) listou todas as traduções das obras de Lima Barreto até 2017. No entanto, as traduções de Lima Barreto e o contexto de sua recepção crítica ainda precisam ser estudadas e neste trabalho pretendo colocar algumas observações iniciais.

Há duas traduções completas e publicadas de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, as duas por tradutores britânicos: *The Patriot* por Robert Scott-Bucleuch em 1978 e, mais de trinta anos depois, *The Sad End of Policarpo Quaresma* por Mark Carlyon. Esta última edição foi primeiramente publicada pela Editora Cidade Viva numa coleção intitulada “River of January” que publicou também *A alma encantadora das ruas* de João do Rio; *Memórias de um sargento de Milícias* de Manuel Antônio de Almeida e *Casa Velha* de Machado de Assis, todos em edições bilíngues inglês/português, acompanhados de ilustrações e traduzidos por Carlyon. Em 2014, essa tradução foi também publicada pela Penguin, acompanhada de uma versão reduzida da introdução de Lilia Schwarcz, de um prefácio do tradutor e de notas explicativas.

Apesar de não analisarmos as seguintes traduções, é importante mencionar que há também duas traduções publicadas como e-book disponíveis na Amazon, uma de Luciano Beck (2012) e outra de Francis K. Johnson (2014), e mais uma tradução publicada em e-book pelo próprio tradutor Valter Rodrigues Cyrino (2016). Há também uma tradução não-publicada por Samuel Borowik (2014), inserida em uma monografia de final de curso da *The Pennsylvania State University*.

Com isso em mente, passamos a comentar alguns aspectos das traduções a começar pelos diferentes títulos. Todos nós sabemos que uma das especialidades dos textos literários, em relação a outros tipos de textos, é que nas obras literárias todas as palavras contam e isso vale também para os títulos. Títulos podem não só nos introduzir ao assunto da obra, como também guiar nossa interpretação. Em especial, esse é o caso do romance analisado aqui: *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. De início, a expressão “triste fim” estabelece o tom melancólico e também avisa os leitores de que esta não é, obviamente, uma história de finais felizes. Além disso, o título acumula diversas camadas de significados como Silviano Santiago (1984) discutiu no seu antológico ensaio sobre o romance. Primeiro, “Policarpo” pode significar aquele que dá muitos frutos, “carpir” também significa chorar ou se lamentar ou, em outra acepção, carpir quer

dizer limpar o mato e, como nome, pode significar “punho”. “Quaresma”, por sua vez, é tanto um termo religioso para o período de 40 dias de penitência e sacrifício que precedem a ressurreição de Cristo, o nome de uma palmeira (um símbolo nacional e literário) e um inseto que ataca pomares (1984: p. 41). Todos esses significados são de alguma maneira contemplados no desenvolvimento do protagonista homônimo, pois todas as empreitadas de Quaresma não dão resultados (frutos), ele é constantemente descrito como uma pessoa fraca (teria um pulso fraco) e age, motivado por seus ideais, em favor de um renascimento de uma grandiosidade brasileira, imaginária, mas falha ao não conseguir conciliar as diferenças entre seu conhecimento abstrato e a realidade.

É um título longo que contém o estranho nome do protagonista, repleto de significados implícitos ou obscuros até para um leitor nativo hoje em dia. Mas não é um título tão estranho assim para os leitores familiares com a obra de Lima: *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909) e *Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá* (1919). Estes romances compartilham algumas características com *Triste Fim de Policarpo Quaresma*: títulos extensos que introduzem o nome completo do protagonista e que fazem referência à passagem do tempo, e/ou à vida e à morte.

Assim, ao ler todo o romance, percebemos que o triste fim no título também sugere o fim de uma noção idealizada de pátria. No caso do Brasil, é uma noção que vem desde o período da descoberta até o Romantismo, no qual a terra era descrita como um certo paraíso bíblico, possuindo a terra mais fértil, os mais belos e longos rios e, para Policarpo, também o Tupi-Guarani, uma língua e cultura própria das terras brasileiras em oposição à cultura europeia.

Dito isso, podemos questionar o título da primeira tradução – *The Patriot*. Num artigo de 2008, Antonio Olinto, escritor, editor e intelectual brasileiro, que coeditou a primeira tradução britânica com Rex Collings, explicou que a escolha do título veio do próprio tradutor, que insistiu nela apesar das recomendações dos editores: